

Na ilha do Camaleão, frente ao Purus

LOCALIZADO GRUPO TUKUNA DESCONHECIDO E INTEGRADO



Família Tukuna, no igarapé do Summa, lago do Beruri, rio Purus-Am. Eles não contavam nas estatísticas oficiais.

PORANTIM — Tem pessoas que ainda falam a língua Tukuna?

Tuxaua Evandro — Não, aqui fala na gíria. "Nós não precisa da FUNAI". Frase de Waldemar do Carmo Cruz, Tükuna bastante "integrado" na sociedade envolvente como trabalhador rural.

Estes dois depoimentos mostram a presença e integração de um grupo Tükuna que chegou há muitos anos no Igarapé do Summa na região do Lago do Beruri, rio Purus no Amazonas e na ilha do Camaleão, no rio Solimões em frente à boca do Purus, próximo da cidade de Anori. Um grupo indígena que não aparece nos relatórios oficiais e nem entrou na estatística do PORANTIM de setembro do ano passado. No igarapé do Summa vivem 15 pessoas e na ilha do Camaleão cerca de 300 Tükuna, muitos deles casados com brancos.

Na região do lago de Beruri o conflito de terras atingiu o ponto crítico quando o fazendeiro Rui Jerônimo, não satisfeito com as imensas propriedades que possui, iniciou uma briga na Justiça para expulsar uma família de posseiros, os Lopes, do lugar.

Com uma bem sucedida ajuda da "justiça" de Manacapuru, o fazendeiro conseguiu uma força de 10 violentos policiais que na madrugada do dia 6 de agosto expulsaram várias famílias da área reivindicada pelo "coronel de barranco" Rui Jerônimo.

SÍMBOLO DE UNIÃO

Na ocasião em que os policiais se deslocavam para a região, os posseiros procuraram o tuxaua Evandro Filipe do Carmo do grupo Tükuna que habita no igarapé do Summa, em busca de apoio e solidariedade contra Rui Jerônimo. A área onde mora o tuxaua Evandro se encontra um pouco distante do palco onde se desenrola a peleja dos posseiros contra o fazendeiro.

No entanto, o tuxaua Evandro respondeu ao apelo e compareceu na região do conflito. Mas, como ele disse para o PORANTIM, se fosse dois policiais ainda podia fazer alguma coisa, mas como eram dez... Segundo o tuxaua Evandro o fazendeiro "está fora do regulamento".

O ato dos posseiros de buscar ajuda dos Tükuna é muito bom. Mostra que na consciência dos posseiros os índios são amigos com quem se pode contar. Na luta desigual contra o poder dos fazendeiros o importante é consolidar uma aliança dos oprimidos.

INDIANIDADE PERDIDA

Quando a equipe do PORANTIM, no dia 24 de agosto de 1980, esteve no igarapé do Summa ficou intrigada com a desproporção entre os habitantes dessa área e os da ilha do Camaleão. Nem o tuxaua Evandro e nem Waldemar do Carmo Cruz, sobrinho do Evandro, souberam dizer como e quando vieram parar nessas áreas. Para Waldemar, o grupo primeiramente veio habitar a ilha do Camaleão. "Nasci e me criei nessa ilha", falou Waldemar à bordo do "Recreio", como chamam o barco em que viajou a equipe.

Com a grande enchente de 1953, o grupo saiu a procura de uma outra área para habitar, vindo a descobrir essa área do igarapé do Summa. O tuxaua Evandro mostrou um documento da FUNAI, garantindo a propriedade indígena sobre uma área de 10 mil metros quadrados no igarapé do Summa.

O pessoal da região chama de "Aldeia do Summa". Mas as casas não são feitas nos moldes indígenas. O Tükuna Waldemar disse que não há aldeia na região, pois ele viu num livro e sabe que não existe aldeia assim na área.

O tuxaua Evandro, referindo-se aos moradores da ilha de Camaleão, afirmou o seguinte: "Eu tava analisando aquele pessoal que não foi colocado pela comunidade e sim colocado pela vontade deles mesmo". O Tükuna Waldemar colocou claramente que o tuxaua Evandro — que ele não reconhece como chefe — provocou a saída da maioria das pessoas do igarapé do Summa para a ilha do Camaleão novamente.

Atualmente, segundo o Tükuna Waldemar, os índios que moram na ilha do Camaleão não querem voltar mais para o igarapé do Summa. E dirigiu duras acusações ao tuxaua Evandro, que venderia tudo o que a FUNAI envia para a aldeia. Desde medicamentos, até instrumentos de trabalho. "Lá não tem

nada dado", concluiu Waldemar, chamando ainda o tuxaua de trapaceiro e mentiroso. Como não há Posto Indígena na área esse tipo de problemas acontecem. E a FUNAI tem a sua parte de responsabilidade por essa situação.

Os habitantes da ilha do Camaleão estão plenamente integrados na sociedade envolvente. A situação do Tükuna Waldemar do Carmo Cruz pode ser considerada típica. Na bordo do "Recreio" afirmou que cada família possui o seu lote de terra legalizado em cartório, apesar de que muitas delas ainda serem posseiros, sem título definitivo de propriedade. Como ele disse, "cada qual na sua casinha".

Como os trabalhadores rurais da região, os Tükuna da ilha do Camaleão não se definem, não se vêem como Tükuna, mas como amazonenses, trabalhadores rurais. Waldemar nos mostrou um Registro de Nascimento, tirado no Cartório de Anori, que lhe dá a cidadania de amazonense e brasileiro. Tem todos os documentos de um cidadão, inclusive título de eleitor. Disse que não acredita na ARENA e votou no MDB.

INTEGRAÇÃO PROCURADA?

Waldemar e sua família estão batizados no católico. E ele disse que quase todos os Tükuna da ilha do Camaleão são católicos. Aos domingos vão à missa na cidade de Anori.

Como a maioria dos trabalhadores rurais, da região, os Tükuna trabalham com juta e malva. O patrão, um japonês de nome Fuji Nakute diz que não engana os índios. Toda a produção é anotada num livro e conferida pelo trabalhador, diz ele.

"Nós conversa o Tükuna mas não é muito", disse Waldemar que a sua mãe fez com que os filhos aprendessem o português. Talvez por já terem vindo desenraizados para a região onde estão agora, os Tükuna foram se integrando na sociedade envolvente.

Por isso, é que o Waldemar afirmou que não precisam da FUNAI, pois já podem agir por conta própria, sem necessitar da tutela. E por essa situação é que o tuxaua Evandro considera a língua Tükuna uma gíria.

No igarapé do Summa há uma escola. Só que não tem professor. Foi lá que uma mulher Tükuna, falando mais Tükuna e misturando com português disse que "tudo (é) Tükuna mesmo, não mistura nada. Só índio que nós somo. Nosso gente fala todo a nossa língua".

A única afirmação de que a indianidade não está tão perdida e que pulsa ainda firme a consciência da identidade como Tükuna, senão em todos pelo menos em alguns ainda vive esse sentimento.

(Ricardo Parente e Aniceto Barroso)



Waldemar do Carmo, Tukuna da Ilha do Camaleão